

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

MATIZES NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA



Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Matizes na Literatura Contemporânea

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M433	Matizes na literatura contemporânea [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-635-5 DOI 10.22533/at.ed.355192709 1. Literatura – História e crítica. I. Sousa Ivan Vale de. CDD 809
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A necessidade de ensinar literatura na escola e tomá-la como objeto de ensino no contexto da sala de aula encontra mais espaço quando as propostas de aprendizagem são diversificadas, considerando os diferentes níveis de conhecimentos e os interesses dos estudantes nas finalidades de analisar e investigar o texto literário.

Muitas são as finalidades de ensino da literatura na escola e a identidade deste livro reafirma que as matrizes da literatura na contemporaneidade encontram-se no espaço de efetivação da sala de aula as razões que amplie o processo de formação literária e humanista dos sujeitos. Com o acesso à literatura todos saem ganhando: aprende quem ensina e ensina quem aprende, por isso os dez capítulos que dão formatos a esta obra têm a finalidade de fazer pensar, de demonstrar que na constituição dos múltiplos textos literários há muitas políticas de resistência e de transformação das concepções de mundo dos sujeitos.

No primeiro capítulo a Amazônia brasileira é analisada a partir do texto de natureza literária *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, porque a narrativa põe em pauta questões contundentes para o debate como os processos migratórios. No segundo capítulo as representações femininas nos romances alencarianos são analisadas a partir de um olhar sob a ótica da classe patriarcal romântica brasileira nas obras *Lucíola* e *Senhora*.

No terceiro capítulo as narrativas orais são discutidas com a finalidade de destacar que elas têm muito a nos ensinar, bastante a dizer, além disso, o autor problematiza a necessidade de documentá-las, apresentando duas narrativas da cidade Parauapebas, sudeste do Pará. No quarto capítulo os efeitos da narrativa fantástica têm espaço de discussão e análise a partir do estudo realizado em que o leitor é convidado a inserir-se no processo de interpretação.

No quinto capítulo o autor apresenta ao leitor algumas notas sobre a literatura de Andy Warhol. No sexto capítulo pontuam-se certas constantes do imaginário religioso, sua relevância em cada narrativa e também na instauração do questionamento sobre a verdade oculta que rege o universo, na busca do “aprender a viver”, acentuada preocupação do autor mineiro.

No sétimo capítulo discute-se uma obra literária sob a perspectiva da teoria dos direitos humanos que tem se ocupado em debater o fenômeno da imigração e, mais recentemente, a crise dos refugiados pelo mundo. No oitavo capítulo analisa-se o romance norte-americano *Once in a Promised Land* como uma crítica à propagação de estereótipos negativos em relação a árabes e muçulmanos, principalmente, imigrantes dos Estados Unidos no contexto pós Onze de Setembro.

No nono capítulo tecem-se algumas considerações a respeito da importância da crítica textual e da divulgação de obras de autores como Machado de Assis e Eça de Queirós como atos de resistência aos ataques conservadores e fascistas que o campo progressista combate também na atualidade. Por fim, no décimo e último

capítulo o autor propõe uma análise com focalização na resistência do negro contra o poder do senhorio ainda vigente, mesmo após a abolição da escravatura.

Entender as diferentes matrizes da literatura na contemporaneidade pressupõe aceitar o convite de análise de todos os dez capítulos que dão sentidos e formas a esta obra. Assim sendo, resta-nos desejar aos diversos leitores, interlocutores desta obra, que tenham ótimas reflexões.

Ivan Vale de Sousa
O Organizador.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A AMAZÔNIA BRASILEIRA RETRATADA FORA DO BINARISMO PARAÍSO/INFERNO VERDE EM CINZAS DO NORTE DE MILTON HATOUM	
Ivanete da Silva Alves	
DOI 10.22533/at.ed.3551927091	
CAPÍTULO 2	12
AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NOS ROMANCES ALENCARIANOS: UM OLHAR SOB A ÓTICA DA CLASSE PATRIARCAL ROMÂNTICA BRASILEIRA EM <i>LUCÍOLA E SENHORA</i>	
André Luiz Lunardelli Coiado	
DOI 10.22533/at.ed.3551927092	
CAPÍTULO 3	24
O QUE SE APRENDE QUANDO SE ENSINAM NARRATIVAS ORAIS NA ESCOLA?	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.3551927093	
CAPÍTULO 4	34
EFEITOS DA NARRATIVA FANTÁSTICA: INQUIETANTE, ESTRANHO E METAEMPÍRICO	
Lilian Lima Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.3551927094	
CAPÍTULO 5	41
NOTAS SOBRE A LITERATURA DE ANDY WARHOL	
Tiago Leite Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3551927095	
CAPÍTULO 6	48
O IMAGINÁRIO RELIGIOSO NO UNIVERSO ROSIANO: O DIVINO NAS COISAS TERRENAS	
Edna Tarabori Calobrezi	
DOI 10.22533/at.ed.3551927096	
CAPÍTULO 7	60
O PÚBLICO E O PRIVADO: O LUGAR DO (A) IMIGRANTE NA SOCIEDADE CANADENSE ATRAVÉS DE UM ROMANCE	
Tacel Ramberto Coutinho Leal	
DOI 10.22533/at.ed.3551927097	
CAPÍTULO 8	68
LITERATURA E RESISTÊNCIA: LAILA HALABY PUBLICA <i>ONCE IN A PROMISED LAND</i>	
Loiva Salete Vogt	
DOI 10.22533/at.ed.3551927098	
CAPÍTULO 9	80
PELO RESGATE DE UMA LITERATURA DE RESISTÊNCIA E DE COMBATE: PREPARAÇÃO DE EDIÇÕES CRÍTICAS DE OBRAS DE MACHADO DE ASSIS E DE EÇA DE QUEIRÓS	
Ceila Maria Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.3551927099	

CAPÍTULO 10	88
“CACHAÇA”: O CONSOLO DE UMA LUTA POR INSERÇÃO SOCIAL Edvaldo Santos Pereira DOI 10.22533/at.ed.35519270910	
SOBRE O ORGANIZADOR	95
ÍNDICE REMISSIVO	96

“CACHAÇA”: O CONSOLO DE UMA LUTA POR INSERÇÃO SOCIAL

Edvaldo Santos Pereira
(UFPA)

Graduado em Psicologia e Letras (UFPA), Mestre em Estudos Literários (UFPA). Contato: pereira.edvaldo56@gmail.com

RESUMO: Em abordagem acerca da memória de remanescentes africanos, o poema “Cachaça”, do poeta paraense Bruno de Menezes, reporta-se à figura do negro, na tentativa de se inserir na sociedade de Belém, no início do século XX, uma cidade marcada pela hegemonia da cultura europeia. Embora distante da manifestação iniciada por estudantes negros de colônias francesas, articulados nas universidades de Paris com o propósito de reivindicar o reconhecimento das culturas africanas disseminadas pelo mundo, o poema mostra o negro em semelhante busca, contrapondo-se aos atributos do colonialismo etnocêntrico imposto aos países latino-americanos. Como narrativa memorialística de traços identitários afro-americanizados, propõe-se aqui uma análise com focalização na resistência do negro contra o poder do senhorio, ainda vigente mesmo após a abolição da escravatura.

PALAVRAS-CHAVE: Negro; Memória; Traços culturais; Poder

APRESENTAÇÃO

A partir de uma análise do poema “Cachaça”, com temática voltada à expressão de uma memória africana guardada pelos remanescentes dos negros, trazidos ao Brasil do século XVI ao século XIX, como mão de obra escrava, este trabalho traz a figura do negro e dos afrodescendentes na luta diária para se inserir na sociedade de Belém, maior metrópole da Amazônia no início do século XX, marcada pela hegemonia da cultura europeia, que se manteve como cultura primordial, já que a organização política e social firmava-se sob os mesmos princípios e valores cultivados, deixados como herança pelo colonizador.

Ainda que distante geograficamente da manifestação em prol da negritude, iniciada em Paris pelos estudantes negros de colônias francesas, como forma de colocar à mostra as culturas africanas dispersas pelo mundo, sobretudo pelos países americanos, a expressão poética de Bruno de Menezes contrapõe-se aos atributos de um colonialismo etnocêntrico imposto aos países latino-americanos.

Nesse embate, a cultura europeia não conseguiu se sobrepor de forma a extinguir traços identitários das etnias africanas trazidas para a América, para incrementar o trabalho

na agricultura. Sob a condição de escravos, os africanos permaneceram por três séculos, até o momento da abolição de uma escravatura que, mesmo instituída sob os efeitos legais, ainda continuou velada nas ações de grande parte do povo e até mesmo na prática repressora do Estado.

Como narrativa memorialística que focaliza uma identidade afro-americanizada, o poema “Cachaça”, com ênfase na resistência do negro em sua luta contra o poder do senhorio, traz aspectos de um cotidiano voltado às dificuldades para inserção daqueles que viviam sob as condições de uma escravidão que, embora revogada, ainda se mantinha na ideia de muitos. Nessas circunstâncias, é possível perceber o uso dessa bebida em uso diverso, seja como artifício de consolo, de manifestação religiosa, de diversão ou de força, sendo o motivo do desenvolvimento de uma observação pautada na valorização dos traços africanos que se mantiveram e se tornaram contribuintes para a formação de uma identidade coletiva, não apenas de Belém, cidade cenário da maioria dos poemas de Bruno, que foi o porto de chegada para muitas etnias africanas, mas também de saída, ou até mesmo de fuga para a formação de quilombos em outras localidades da região Amazônica.

Daqueles que permaneceram em contato com as diferentes culturas da região, muito foi absorvido, possibilitando a abertura de novos horizontes relacionados à formação de cidadãos dessa sociedade que, em sua diversidade étnica e cultural, congrega traços significativos de etnias africanas, assim como acontece em outras regiões do Brasil. De um modo geral, essa condição oportuniza um estudo mais aprofundado das tendências da poesia de uma época em que os poetas tentavam descobrir as vozes que construíram a nossa identidade nacional, passando então a valorizá-las pela transmissão de uma memória cultural desses caracteres passados de uma geração a outra, com função relevante no processo de assimilação de valores sociais, e também para o desenvolvimento de todo indivíduo, enquanto membro de qualquer sociedade.

O POEMA

A partir da representação de uma memória histórica retratada no poema, é tomada neste trabalho a perspectiva de Alfredo Bosi acerca da elaboração da linguagem, que desde o princípio de sua evolução, recebeu da poesia “o abrigo da memória, os tons e as modulações do afeto, o jogo da imaginação e o estímulo para refletir, às vezes agir” (2013, p. 9). Nesse sentido, como demonstração de aspectos que registram a presença africana na Amazônia, o objeto focado é a relação que o negro estabeleceu com a bebida como um recurso para enfrentar o desafio de uma busca pela garantia de espaço num meio social hostil, marcado pelas imposições de uma colonização europeia.

Muito se tem discutido, especialmente entre os historiadores, a respeito da chegada do negro à Amazônia, e sua efetiva participação na sociedade dessa

região. Sem uma definição exata, mas logo no início da ocupação portuguesa, navios provenientes da África aportaram na cidade de Belém, um dos primeiros assentamentos urbanos fundados na região, no início do século XVII. “A busca da data da introdução do primeiro carregamento de negros para esta parte da colônia, por iniciativa dos portugueses tem sido no entanto um esforço inútil. De qualquer forma, ele chegou na primeira centúria” (SALLES, 1971, p. 16). Essa iniciativa está relacionada à busca de mão-de-obra para o trabalho nas novas terras, para onde se estendia o plantio da cana-de-açúcar. Isso aconteceu em virtude do declínio econômico ocasionado pela ocupação holandesa no nordeste brasileiro, conseguindo assim o poderio sobre a produção do açúcar daquela região.

Personagem marcante no desenvolvimento da lavoura canavieira, fonte econômica no princípio da colonização, o negro aparece mencionado na literatura brasileira, nos sermões do padre Antônio Vieira, como o escravo subjugado que não tinha direito algum, nem mesmo sobre o produto do seu trabalho. Essa condição é demonstrada no “Sermão do Rosário dos Pretos” que, direcionado ao negro na sua labuta nos engenhos, pondera: “Não há trabalhos mais doces que os das vossas oficinas; mas toda essa doçura para quem é? Sois como as abelhas, de quem disse o poeta: Sic vos non vobis mellificatis, apes” (VIEIRA, 1633, p. 14). O verso latino mencionado no sermão é atribuído ao poeta Virgílio, da antiguidade romana, e faz referência ao doce produto como resultado do árduo trabalho executado na produção dos engenhos de cana, que se estabeleceram à custa da força física do negro.

Essa mesma condição, enfatizada no sermão, recebe uma outra conotação observada por Alfredo Bosi, ao considerar que no engenho retratado por Antônio Vieira havia uma exposição de características medievais, também sugerida por Inácio de Loyola, o padre espanhol que foi o primeiro superior-geral da Companhia de Jesus, empenhado nas missões jesuíticas da contrarreforma. Assim, é levado em conta que “esse poder de fantasia não enevoava na consciência do homem o fato bruto da exploração do servo pelo senhor” (BOSI, 2015, p. 47), sendo representados no Brasil colonial pelo escravo africano e pelo senhor de engenho, respectivamente.

A insatisfação diante de tais circunstâncias que relegavam o negro a um lugar à margem dessa sociedade, foi o incentivo à luta por um espaço que, embora garantido após a abolição da escravatura, não era reconhecido por muitos que mantiveram o mesmo posicionamento de um regime escravocrata já não vigente.

Nessa luta, a cultura europeia não se sobrepôs a ponto de extinguir traços identitários das culturas africanas trazidas para a América pela mão-de-obra escrava, e sob essa condição permaneceram por mais de três séculos, até o momento da abolição de uma escravatura que, mesmo abolida sob os efeitos legais, ainda continuou velada nas práticas de grande parte do povo, e também nas ações repressoras do Estado.

Na poética de Bruno de Menezes, poeta paraense afrodescendente, a figura do negro e dos seus descendentes é apresentada na luta diária para se inserir na

sociedade de Belém, no início do século XX, marcada pela hegemonia da cultura europeia, que se manteve como cultura primordial, mesmo após os movimentos de emancipação do Estado brasileiro, como a independência e a república, em cuja organização política e social firmavam-se os mesmos princípios e valores cultivados no período colonial.

Distante geograficamente da manifestação em prol da negritude, iniciada em Paris pelos estudantes negros de colônias francesas, como forma de inserção social que colocou à mostra as culturas africanas dispersas pelo mundo, sobretudo pelos países americanos onde o contingente negro era significativo, a expressão poética de Bruno de Menezes põe à mostra a figura dos remanescentes de várias etnias africanas em semelhante busca, contrapondo-se aos atributos impostos aos países latino-americanos, mantidos sob os ideais de um colonialismo etnocêntrico.

Nesse contexto, Bruno de Menezes focaliza, em suas narrativas memorialísticas de uma identidade afro-americanizada apresentada em inúmeros de seus poemas como o poema “Cachaça”, numa demonstração da luta enfrentada como um processo de resistência do negro, sobretudo, em princípio, contra o poder do senhorio e, posteriormente, pela tentativa de inserção numa sociedade que, mesmo após a abolição da escravatura, pouco perdera dos hábitos escravocratas, conservados desde o período colonial.

Numa perspectiva benjaminiana, o poema é criado a partir do olhar do flâneur, como um observador atento, capaz de expressar a “memória individual que se abre à partilha, aspirando, desse modo, a uma memória plural e tornando-se assim patrimônio ou memorial de um tempo escoado, mas que continua a marcar, como uma ferida ou cicatriz, o presente...” (RIBEIRO/VECHI, 2012, p. 90). Assim, pelo presente que se faz sob vestígios do passado, a memória construída no poema é marcada pelas adaptações decorrentes da condição de uma escravidão mantida por um longo período de nossa história, numa elaboração peculiar da expressão poética de Bruno de Menezes, observadas nas estrofes a seguir:

Ó negro arrancado ao torrão congolense:

Tocaste urucungo nos brigues corsários,

dançaste de tanga batuque e jongs

à força de peia

fingindo alegria!

Foste quem plantou partidas de cana

na terra da América,

que o engenho ainda hoje mastiga rangendo.

Surrado vendido
mas tendo na alma
seu santo Orixá.
Sem nunca esqueceres da selva do Congo,
os verdes coqueiros os teus bananais,
fizeste o açúcar o mel a cachaça
que esquenta o teu sangue,
que te dá coragem.
Cachaça é tua vida,
tua festa teu mundo,
saúde remédio até valentia.
Coleira de ferro,
“bacalhau” palmatória,
tu nada sentias tomando da “pura”.
Cachaça nascida do olho da cana,
que faz com que o negro nem pense em morrer,
que põe nas mãos dele cuícas e surdos
na hora dos ranchos dos sambas e choros.
(MENEZES, 1993, p. 245/246)

Do início ao fim, o poema é constituído em forma de diálogo, repleto de traços da oralidade. O primeiro verso “Ó negro arrancado ao torrão congolense:”, destacado como um vocativo, pode ser visto como o despertar da atenção do negro para a condição do exilado que não teve a escolha de viver em sua própria terra, expatriado de forma violenta. Essa forma de expressão dá-nos a ideia do direcionamento a uma segunda pessoa que, indefesa, não consegue manter sua liberdade.

No decorrer da narrativa, a linguagem utilizada indica a manifestação do eu lírico e conduzida a dois caminhos; um pelo qual o narrador se dirige a uma segunda pessoa, sendo ora ao negro, ora à cachaça; e outro quando o narrador se reporta, em terceira pessoa, ao negro, à cachaça e outros referentes, tecendo comentários acerca de aspectos da sua relação com a bebida.

O verso “Tocaste urucungo nos brigues corsários” dá-nos a percepção do negro espoliado, viajando de sua terra rumo ao desconhecido. Embora ciente de sua condição de escravo, não deixou de manifestar muito de suas tradições, em especial as musicais, mostradas no poema pelos instrumentos e danças africanos, representantes de uma variedade de manifestações, seja como divertimento, disfarce ao sofrimento, ou pela expressão de religiosidade. Com o afastamento de sua terra, a aquisição de novos hábitos não o impediu de conservar as reminiscências de uma África, que mesmo distante, desfocando-se com o tempo, continuava viva em sua memória.

O uso da bebida, aplicado em circunstâncias diversas, seja como artifício de consolo, de manifestação religiosa, de diversão ou de encorajamento, foi o recurso utilizado pelo negro como forma de resistência às imposições da escravidão a qual estava submetido. Por outro lado, foi também o motivo do desenvolvimento de uma observação poética pautada na valorização dos traços culturais africanos que se mantiveram e se tornaram contribuintes para a formação de uma identidade coletiva, não apenas de Belém, cidade cenário da maioria dos poemas de Bruno de Menezes, porto de chegada para muitas etnias africanas, mas também de saída para outras localidades da região amazônica, refúgios que deram origem à formação de quilombos.

O trajeto da narrativa é feito a partir da vinda dos navios proveniente da África, com os primeiros escravos trazidos para trabalharem no plantio da cana no início do período colonial, indo até o período pós abolição da escravatura em que os afrodescendentes, sem muitas opções, encontraram no porto de Belém, muito movimentado no início do século XX, no trabalho pesado como estivadores, uma forma de ganharem o seu sustento, sob os efeitos da bebida, realçados nos versos: Que fazes os braços ficarem mais ágeis/na estiva no rolo empurrando carrinho,/ dando pão de fogo pra boca das fornalhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com uma poética voltada à questão do negro ainda sob os efeitos das imposições de uma sociedade firmada sob o conservadorismo do pensamento escravocrata que, apesar de abolida a escravidão, com a outorga dos direitos que a Lei Áurea lhe conferiu, ainda permanecia. Nesse sentido, configura-se no poema a transposição das dificuldades enfrentadas por aqueles que, embora livres pelo rigor da lei, pouco conseguiam para sobreviverem, sendo relegados, pelas condições desfavoráveis de melhor preparo ao mercado de trabalho, a colocações inferiores, sobretudo aquelas que lhes eram atribuídas mesmo antes da revogação da escravatura.

Ao focalizar o negro na luta diária pela inserção na sociedade belenense, Bruno de Menezes possibilitou a abertura de novos horizontes relacionados à formação dessa sociedade que, em sua diversidade étnica e cultural, congrega particularidades

significativas de etnias africanas, assim como em outras regiões do Brasil, de um modo geral, oportunizando um estudo mais aprofundado das tendências da poesia de uma época em que os poetas descobriam as vozes que construíram os matizes de tantas identidades de uma nação plural, valorizados pela transmissão da memória cultural dos caracteres passados de uma geração a outra, com função relevante no processo de assimilação de valores sociais, e também para o desenvolvimento do indivíduo enquanto membro dessa sociedade.

Portanto, com a exaltação à cachaça produzida da cana-de-açúcar, inicialmente pelos escravos no período colonial, o poema mostra a estreita relação que o negro manteve com essa bebida, que passou a ser usada por ele como elemento essencial à sua vida, presente em todas as formas de manifestação cultural, como nas danças, para o divertimento, e nos cultos religiosos, para invocação de suas divindades; servindo ainda como objeto de fuga em momentos enfrentados na difícil realidade vivida nas senzalas, passando mais tarde a ser alento no duro trabalho de subemprego ao qual submeteu-se após a abolição da escravatura.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. – 50. ed. – São Paulo: Cultrix, 2015.

_____. **Entre a literatura e a história**. – São Paulo: Editora 34, 2013 (1ª edição).

MENEZES, Bruno de. **Obras completas**. V. 1. Belém: Secretaria Estadual de Cultura – Conselho Estadual de Cultura, 1993.

RIBEIRO, Margarida Calafate; Vecchi, Roberto. A memória poética da guerra colonial de Portugal na África: Os vestígios como material de uma construção possível, in: **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Organização: Sabrina Sedlmayer e Jaime Ginzburg. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará, sob o regime de escravidão**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serv. de publicações [e] Universidade Federal do Pará, 1971.

VIEIRA, Antônio. **Sermão XIV (1633)**. Edição eletrônica: Verônica Ribas Cúrcio. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000032pdf.pdf>

Acesso em: 28/05/2018.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA: Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolição da Escravatura 88, 90, 91, 93, 94

Amazônia 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 11, 88, 89

Análise 1, 2, 13, 17, 24, 34, 48, 49, 88

Árabes 68, 69, 70, 75, 78

Autor mineiro 48, 49

C

Cinzas do Norte 1, 2, 3, 6, 10, 11

Conhecimentos 26, 51

Conservadores 64, 65, 80

Crítica 8, 15, 17, 23, 44, 46, 68, 75, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87

Crítica Textual 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87

D

Direitos Humanos 60, 63, 66, 82

E

Eça de Queirós 5, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Ensino 24, 25, 27, 28, 29, 32, 95

Estados Unidos 61, 68, 69, 70, 75, 76, 78, 87

F

Fascistas 80

I

Imaginário Religioso 48

Imigração 60, 61, 62, 63, 66

L

Leitor 13, 14, 24, 29, 34, 35, 37, 44, 45, 51, 55, 58, 77, 78, 85

Literatura 10, 11, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 48, 58, 59, 60, 68, 69, 71, 79, 80, 82, 85, 86, 87, 90, 94

Lucíola 12, 13, 15, 17, 22, 23

M

Machado de Assis 13, 23, 80, 82, 85, 86, 87

Milton Hatoum 1, 2, 9, 10, 11

Muçulmanos 68, 69, 70, 74, 75, 76, 78

N

Narrativa Fantástica 34, 38

Narrativas Oraís 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32

Natureza Literária 1

Negro 52, 63, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

O

Obra Literária 37, 42, 68, 78

P

Pará 3, 24, 29, 94, 95

Parauapebas 24, 29, 31, 95

Poder do Senhorio 88, 89, 91

Processos Migratórios 1, 2

Propostas 26, 29, 32, 39

R

Reflexões 10, 24, 41, 42, 55, 56, 58

Refugiados 60, 61, 62

Representações Femininas 12

Resistência 7, 8, 9, 26, 69, 80, 81, 87, 88, 89, 91, 93

Romances 2, 10, 11, 12, 13, 22, 69

S

Sala de aula 24, 25, 28, 29, 31, 32

Senhora 6, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 83

T

Texto Literário 37

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-635-5



9 788572 476355